

OS CEM MELHORES POETAS BRASILEIROS DO SÉCULO  
Seleção de José Nêumanne Pinto – São Paulo : Geração Editorial, 2001

José Raimundo Gomes da Cruz  
Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

Até quem vive de literatura aprecia e usa as antologias, ou florilégios, textos escolhidos de um ou de vários autores. Elas obedecem a diversos critérios, às vezes com critérios combinados, por exemplo, o cronológico e o temático, subentendendo-se, naquele, o das escolas literárias.

Nêumane indica na introdução – “Uma demão de prosa” – que a idéia surgiu de convite feito a ele, por Luiz Fernando Emediato, para a tarefa, que sofreu a influência de outras antologias, mas com escolha dele. Destaca, em seguida, as “imagens da infância”, o fato de sermos o “país dos bissextos” (refere-se aos poetas só de raras ocasiões) e trata da escolha do poema de cada autor, destacando-se a “presença da vanguarda” e daquilo que Nêumanne chama de “a turma da feira-livre”, para abertura à poesia popular.

Trecho final da demão merece destaque: a “sanha dos herdeiros”. Não é de agora a dificuldade de editores e articuladores de antologias consistente na avidez dos herdeiros dos nossos grandes literatos. “Com isso, apesar de clamarem aos céus contra o desprezo à cultura brasileira, muitos descendentes de gênios da literatura estão de fato impedindo que estudantes e leitores comuns tenha acesso às obras de autores fundamentais como Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e tantos outros.” A antologia ora comentada indicará o poema escolhido, deixando de reproduzi-lo por falta de autorização do autor ou do herdeiro dos direitos autorais. A solução permite ao leitor a consulta na obra e edição fornecidas.

Existe referência aos colaboradores. Alguns destes, em “Nota dos pesquisadores”, explicaram a escolha em face de disparidade de textos do mesmo poema.

O primeiro tópico (e momento) do século XX mereceu rápida explicação, sob o título de “Pré-modernismo”. Os nomes talvez ilustrem melhor o assunto: Alberto de Oliveira, Alphonsus Guimaraens, Augusto dos Anjos, Da Costa e Silva, Felipe D’Oliveira, Machado de Assis, Olavo Bilac, Pedro Kilkerry, Raul de Leoni e Vicente de Carvalho.

No “Modernismo”, citam-se os poetas Antônio Girão Barroso, Ascânio Lopes, Ascenso Ferreira, Augusto Frederico Schmidt, Augusto Meyer, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Dantas Mota, Dante Milano, Guilherme de Almeida, Henriqueta Lisboa, Joaquim Cardoso, Joel Silveira, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Mário Quintana, Menotti del Picchia, Murilo Mendes, Odylo Costa, Filho, Oswald de Andrade, Pedro Dantas, Raul Bopp, Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho, Sosígenes Costa e Vinicius de Moraes.

Chega a vez da “Geração de 45”, com os poetas “que amadurecem durante a II Guerra Mundial”: Carlos Pena Filho, Domingos Carvalho da Silva, Fernando Ferreira de

Loanda, Geir Campos, Geraldo Pinto Rodrigues, José Paulo Moreira da Fonseca, Lêdo Ivo, Mauro Mota, Paulo Bonfim, Paulo Mendes Campos e Péricles Eugênio da Silva Ramos.

Em seguida: “Concretismo, Neoconcretismo, Práxis e Poema-Processo”. Nomes: Álvaro de Sá, Augusto de Campos (não autorizou a reprodução de poema), Dailor Varela, Décio Pignatari (não autorizou, também), Ferreira Gullar, Haroldo de Campos (também não autorizou), Mário Chamie e Wladimir Dias-Pino.

Depois, os “Contemporâneos”: Adélia Prado, Affonso Ávila, Affonso Romano de Sant’Anna, Alberto da Costa e Silva, Alberto da Cunha Melo, Alexei Bueno, Ariano Suassuna, Armando Freitas Filho, Bandeira Tribuzi, Braulio Tavares, Bruno Tolentino, Carlos Nejar, Chacal, Dora Ferreira da Silva, Eduardo Alves da Costa, Francisco Alvim, Francisco Carvalho, Gerardo Mello Mourão, Gilberto Mendonça Teles, Hilda Hilst, Ildásio Tavares, Ivan Junqueira, João Cabral de Melo Neto, José Chagas, Lélia Coelho Frota, Leonardo Fróes, Marly de Oliveira, Moacyr Félix, Neide Archanjo, Orides Fontela, Paulo Leminski, Roberto Piva, Ruy Espinheira Filho, Sebastião Uchoa Leite, Sérgio de Castro Pinto e Thiago de Mello.

Last but not least, isto é por último mas não de menor valor, os “autores de cordel e/ou poetas que dialogam com essa literatura típica do Nordeste: José Camelo de Melo Resende, José Pacheco, Manoel Camilo dos Santos, Otacílio Batista, Patativa do Assaré e Zé da Luz.

Após a importante bibliografia (pp. 315/321), há concisa informação sobre Nêumanne (“transita entre o jornalismo e a literatura”) e os pesquisadores Rinaldo de Fernandes e Sandra Moura.

Cem poetas, cem resumos biográficos e quase cem poemas constituem valiosíssima coleção, num único volume. Este breve comentário mal poderia incluir amostragens.

Por exemplo, um poeta que morreu cedo de tuberculose. Alguém discordará: isso aconteceu com poetas românticos do século XIX. Não convém generalizar. Ascânio Lopes (Sapé de Ubá, MG, 1906 – Cataguases, MG, 1929), segundo seu coestaduano Carlos Drummond de Andrade, tinha “23 anos e não se poderia dizer que viveu, se não fosse a poesia, que inundou o seu minuto apressado sobre a Terra. Aos 23 anos, a gente só sabe da vida o que ela consente em noticiar – muito pouco – outro pouco de que se tem a intuição, e nada mais. Salvo quando o indivíduo é poeta, caso de Ascânio Lopes e dos que, como ele conheceram a vida sem terem tido tempo de vivê-la; dos que adivinharam. Os versos ascanianos dos *Poemas cronológicos* são adivinhações, ou, por outra, prêmios de loteria que o autor ganhou sem nunca ter comprado bilhete”.

Escolho uma citação do contemporâneo Alexei Bueno: “O século que se seguiu à gloriosa poesia do século XIX, o século de Pessoa e Rilke, de Valéry e Blok, de Kavafis e Yeats não foi feito para acabar na poesia da contingência mais miseravelmente pessoal, da piada mais dominical e doméstica, da desestruturação satisfeita de nadas facilimos, de palavras jogadas ao deus-dará por histriões hedonistas e donas-de-casa televisivas e universitárias”.

Dos poemas, que eu ainda não conhecia, em geral posteriores à geração de 1945, destaco dois: “A flor da pele”, de Armando Freitas Filho (Rio de Janeiro, RJ, 1940) e “O caso dos dez negrinhos (Romance policial brasileiro)”, de Bráulio Tavares (Campina Grande, PB, 1950).

Para o poeta José Paulo Paes, Dora Ferreira da Silva (Conchas, SP, 1918) pertence à família de poetas cuja palavra “ronda o tempo todo as fronteiras do sagrado”. Em poesia, a presença do sagrado “não deve ser entendida no sentido restrito de manifestação direta do divino, e sim no sentido mais amplo de ânsia de transcendência do Eu rumo ao Outro”.

Segundo o poeta Francisco Carvalho, a poesia “se dirige às paixões mais honestas do homem”.

O poeta Roberto Piva deixa bem claro: “Só acredito em poeta experimental que tenha vida experimental. Não tenho nenhum patrono no ‘Posto’, nem leões-de-chácara & guarda-costas literários nas redações de jornais & revistas. Nada mais provinciano do que os clubinhos fechados da poesia brasileira, com seus autores burocratas tentando restaurar a Ordem & cagando Regras que o futurismo, dadaísmo, surrealismo & modernismo já se encarregaram de destruir”.

Enfim, Manuel Bandeira, à página 302 repete seus versos da página 16, do poema “Cantadores do Nordeste”, a propósito de Otacílio Batista: “Saí dali convencido/ Que não sou poeta não,/ Que poeta é quem inventa/ Em boa improvisação,/ Como faz Dimas Batista/ E Otacílio, seu irmão”.